Desde 14.10.1991 a caminhada foi permeada por desafios, por ser mulher, Juíza num universo predominantemente masculino, em que as dificuldades sob diversos aspectos não são percebidas e sentidas em sua profundidade.

Nesses 28 anos, obstáculos foram superados diariamente, mas como um bálsamo a resgatar a extenuante função, sempre tive o amor pela carreira a abrandar a dor, experimentei a imensa gratidão por obter a conciliação, nutri-me da alegria em profundidade que está em poder contribuir para que as partes serenassem as almas após desnudarem seus sentimentos. Não raro também estiveram presentes a nítida percepção e a verbalização das partes de uma mudança paradigmática da imagem da Justiça do Trabalho. Que senti. Que vivemos e para a qual cada um de nós tem voltado, ao longo desses anos e em variadas contingências, seu olhar, seu cuidado, sua ação. Essa caminhada, que se faz agora diante de uma mudança radical nas formas de expressão humanas, atingindo também o trabalho, precipita-se nos processos trabalhistas e nas atividades da Justiça do Trabalho e cobra de nós o esforço de compreender e de tomar posição.

Por todos os dias desses 28 anos, repetiria a minha escolha. Viveria de novo cada um dos dias e tentaria de novo realizar diariamente a justiça em cada caso, com o esforço máximo de acertar, de não me desviar. Sempre tentei buscar em mim a melhor Juíza que poderia ser para as partes, advogados e servidores num convívio harmonioso e frutífero.

Essa tentativa, esse esforço atravessarão os dias de minha permanência neste Tribunal, agora como uma juíza de atribuições diferentes, mas que guardam a essência do julgar, do relacionar-se, do usar a palavra para dizer a justiça possível por meio do processo judicial.

Nesse longo percurso até aqui, a carreira se entrelaçou com a vivência pessoal, no que ela pode ter de mais grandioso: o nascimento das minhas filhas, meus grandes amores, Dani e Carol, que na infância tinham a curiosidade aguçada pelos fatos transcorridos nas audiências e se deleitavam na escuta atenta e assim permaneceram até a maturidade. Os dias da Justiça do Trabalho na imaginação delas transformaram-se em contos e essa tradução da realidade em fantasia me ajudou a entender meu ofício. Hoje, Dani formada em Direito pela UFMG e a Carol cursando Engenharia de Produção na UFMG. Filhas com sólida formação acadêmica, mas sobretudo cidadãs, conscientes, sensíveis e inconformadas com as desigualdades em todos os seus prismas. Duas relações de profundo exercício do amor se encontraram então nessa convergência vital: o amor pela carreira e o amor por minhas duas filhas. Dois âmbitos de criação: o ofício de juíza e a maternidade.

Rupi Kaur aponta para esse caminho quando diz:

“Acima de tudo ame

como se fosse a única coisa que você sabe fazer

no fim do dia isso tudo

não significa nada

esta página

onde você está

seu diploma

seu emprego

o dinheiro

nada importa

exceto o amor e a conexão entre as pessoas

quem você amou

e com que profundidade você amou

como você tocou as pessoas à sua volta

e quanto você se doou a elas”

Creio não ser diferente o caminho das Mulheres Juízas, que na multiplicidade de papéis, buscam a conexão entre as pessoas e o desempenho com dedicação da função jurisdicional. Apesar de existir isonomia de gênero na primeira instância é certo que quanto mais perto do topo chegamos menos mulheres encontramos. Resta a esperança que com o tempo, que não demore a tardar, se alcance também a igualdade de gênero nos Tribunais.

E nessa trilha nada melhor que Simone de Beuvoir:

“Que nada nos limite

Que nada nos defina

Que nada nos sujeite

Que a liberdade seja nossa própria substância”

De igual relevância, também não olvidemos da imprescindibilidade da Justiça Trabalho e do seu papel crucial no contexto social. Neste momento, é essencial seguirmos unidos, buscando, não apenas trabalharmos com o que amamos, mas também lutarmos pelo fortalecimento institucional, pois a vida, no delinear contundente e preciso de Guimarães Rosa é assim: “esquenta e esfria, aperta e daí afrouxa, sossega e depois desinquieta. O que ela quer da gente é coragem”,.

No descortinar desta nova etapa que estejam presentes a valorização feminina, a igualdade de direitos e gênero, a defesa do papel relevante da Justiça do Trabalho e a disposição para enfrentar o desafio de um universo mais amplo, com novos conhecimentos, experiências e reflexões. Sigamos desinquietos. Sigamos desinquietas.